

# REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Ano XI

ABRIL - JUNHO DE 1949

N.º 2

## PRINCÍPIOS DA COLONIZAÇÃO EUROPÉIA NO SUL DO BRASIL \*

LEO WAIBEL

De cem anos passados para cá, desde que a importação de escravos da África foi proibida por lei, a colonização tem sido considerada um dos problemas fundamentais do Brasil. Nestas condições, seria de esperar uma rica bibliografia sôbre colonização e de presumir que todos os fatos sôbre ela fôssem bem conhecidos. Entretanto, não é êsse o caso. E' verdade que muito se tem escrito, especialmente em alemão — tanto na Alemanha como no Brasil — sôbre colônias individuais e sôbre alguns aspectos gerais da colonização. Mas a maior parte desta literatura é de caráter popular e carece de fundamento científico. Os autores brasileiros que têm escrito sôbre colonização estão freqüentemente mais interessados no problema: “devemos colonizar ou não?” ou “devemos estimular a imigração ou não?” do que realmente no processo da colonização em si. Contudo, a menos que todos os fatos relativos à colonização sejam conhecidos e representados de maneira objetiva, nem o govêrno nem o público poderão formar uma idéia clara sôbre êsse magno problema nacional.

Foi essa a razão porque propus que se faça um “Atlas da colonização do Brasil”. Deverá êle mostrar, com documentação cartográfica, todos os fatos sôbre a colonização e os fatôres com ela relacionados. Muito material valioso para êsse atlas tem sido preparado e acumulado nos vários departamentos estaduais de terras e colonização e está aguardando apenas a coleta, classificação e interpretação. Além disso, é necessário obter experiência e observações pessoais em tôdas as áreas colonizadas, a fim de se conseguir um conhecimento de primeira mão sôbre a colonização no Brasil, seus êxitos e seus malogros.

Durante quase três anos, eu e um grupo de jovens geógrafos brasileiros vimos estudando a colonização do Brasil no gabinete e no campo. Sou especialmente grato a ORLANDO VALVERDE, que me acompanhou em tôdas as minhas excursões e muito contribuiu para

\* Ampliação de um trabalho apresentado em duas reuniões especiais promovidas pelo Conselho Nacional de Geografia no Rio de Janeiro, em dezembro de 1948 Traduzido por ORLANDO VALVERDE.

o êxito do meu trabalho Creio que já é tempo de sintetizar de "maneira preliminar" as nossas observações, idéias e conclusões sobre o tipo de colonização que é o mais significativo, a colonização européia do sul do Brasil.

O nosso modo de encarar o problema da colonização será do ponto de vista geográfico, salientando as relações entre a terra de um lado e as atividades do colono do outro A paisagem cultural criada pelo colono, é o nosso tema principal. Os outros aspectos da colonização, tais como a história e as condições jurídicas, religiosas, sociais e políticas, serão mencionadas somente na medida que estiverem relacionadas com a paisagem cultural.

O termo "colonização européia" empregado aqui não se refere ao estabelecimento do sistema de latifúndios pelos antigos povoadores portugueses, mas aos processos pelos quais, durante cêrca de 120 anos, uma classe de pequenos proprietários rurais de origem européia está tomando posse de terras e estabelecendo comunidades próprias.

Entendo por "sul do Brasil" os três estados mais meridionais do país. Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Deixo de incluir o estado de São Paulo, ao contrário do que o fazem os geógrafos brasileiros, porque suas condições climáticas, econômicas e sociais são diferentes.

### CONDIÇÕES NATURAIS

Excluindo-se a área ondulada da parte meridional do estado do Rio Grande do Sul, o Brasil meridional consiste de três regiões: os planaltos do interior, as serras ou escarpas que constituem a encosta íngreme a leste e ao sul do planalto, e o litoral, uma área estreita de baixada que se estende ao longo da costa.

No estado do Paraná, o planalto consiste de três níveis ou andares diferentes. Atrás da grande escarpa, ao longo da costa, estende-se o chamado primeiro planalto, que é composto de rochas cristalinas e forma uma região suavemente ondulada, com altitudes entre 800 e 900 metros. Aí está localizada a capital do estado, Curitiba. Para oeste segue-se o segundo planalto, que é constituído de sedimentos paleozóicos; mergulham êles suavemente para oeste e formam uma *cuesta* voltada para leste com uma altitude relativa de cêrca de 200 metros. A superfície do planalto forma, por conseguinte, uma espécie de teto achatado que descamba moderadamente dos 1 100 metros a leste até cêrca de 700 metros a oeste. Aparece então o terceiro planalto, que é composto por derrames mesozóicos de diabásio e basalto, formação denominada *trapp*, da qual se deriva, no norte do Paraná, a famosa e muito fértil terra roxa. O terceiro planalto também forma uma *cuesta* voltada para leste com uma altitude de cêrca de 1 100 metros acima do nível do mar e um teto achatado com declive para oeste, que desce a 500 e 300 metros de altitude ao longo do vale do rio Paraná. Êste rio e os seus afluentes em seus cursos inferiores cor-

taram profundos *cañons* no terceiro planalto, enquanto no segundo e mais ainda no primeiro planalto, formam vales largos e achatados. Sòmente a parte nordeste do primeiro planalto é drenada por rios que, em vales íngremes e estreitos, correm diretamente para o Atlântico.

A situação topográfica em Santa Catarina é bastante diferente. Aí, tòda a área cristalina que corresponde ao primeiro planalto do estado do Paraná e grande parte do segundo planalto foram dissecadas por rios que correm para leste tornando-se uma região montanhosa muito irregular, à qual dificilmente se pode aplicar o nome de serra do Mar. Os rios são mais longos e os seus vales, especialmente no curso superior, são mais largos que os da serra do Mar do estado do Paraná. Isto é especialmente verdadeiro em relação ao Itajaí, que drena uma área de cêrca de 15 000 quilômetros quadrados. O planalto paleozóico ocupa sòmente uma faixa estreita, ao passo que o planalto de *trapp* cobre cêrca de 3/4 de área planáltica do estado.

No Rio Grande do Sul existe apenas um planalto, composto de *trapp* (basaltos, meláfiros, etc.); tem uma altitude média de cêrca de 800 a 1 000 metros a leste, 500 a 600 metros na parte média e 300 a 100 metros a oeste, ao longo do rio Uruguai. Para leste, a escarpa do planalto forma uma encosta única, para o sul, para a profunda depressão do rio Jacuí, ela consiste de vários terraços estruturais, nos quais os afluentes do Jacuí cortaram vales profundos, que nos contrafortes da serra são acompanhados por largos terraços fluviais.

Situado entre as latitudes de 24 e 34 graus sul, o Brasil meridional possui aquêle tipo de "clima subtropical" que se encontra em condições semelhantes no lado oriental dos continentes. A precipitação vai de 1 300 a 1 500 milímetros e é regularmente distribuída através do ano, com um máximo pronunciado no inverno. A água é abundante por tòda parte.

Em contraste com as precipitações, a temperatura varia consideravelmente de acôrdo com a latitude e a altitude. Pode-se distinguir três faixas diferentes de temperatura, que eu gostaria de classificar com os têrmos usados pelos espanhóis na América tropical e subtropical.

No litoral do estado do Paraná e na extremidade norte do litoral de Santa Catarina temos condições de temperatura que se assemelham às da *tierra caliente* tropical. E' uma baixada quente e úmida, na qual a malária e outras moléstias tropicais são difundidas. Embora o inverno seja mais fresco do que o verão, a geada é desconhecida e aí pode-se cultivar tòdas as árvores de frutas tropicais, com exceção do cacaeiro

No litoral sul de Santa Catarina e norte do Rio Grande do Sul, bem como nos vales das serras e planaltos até uma altitude entre 400 e 500 metros, temos o tipo de clima ou faixa de temperatura da *tierra templada*. Aí, os verões também são quentes. Mas no inverno ocorrem geadas noturnas esporádicas mesmo no nível do mar. Devido à

drenagem do ar e à inversão de temperatura, as geadas são mais frequentes e mais fortes nas baixadas e nos vales do que nas encostas, em altitudes mais elevadas. Por esta razão, a cana de açúcar, que aqui está perto do limite polar de sua distribuição, evita as baixas terras aluviais com seus solos férteis e cresce nos terraços mais altos e nas montanhas até uma altitude entre 400 e 500 metros. Mas a planta realmente característica desta região é a laranjeira, que é abundante por toda parte, em torno das residências rurais. O clima é muito mais saudável aqui do que na *tierra caliente* e a malária é menos frequente.

Dos 400 ou 500 metros para cima, as condições de temperatura mudam quase abruptamente. O verão ainda é muito quente, especialmente durante o dia, mas no inverno, de abril a novembro, as geadas ocorrem com frequência e são muitas vezes tão severas ( $-5^{\circ}$  a  $-7^{\circ}$  C) que acarretam danos consideráveis às lavouras e causam desconforto aos animais e à gente. A cana de açúcar e as laranjas são substituídas por plantas cultivadas da zona temperada, tais como pêras, maçãs, trigo, centeio, batata inglesa, etc., e na vegetação natural aparece o pinheiro (*Araucaria sp.*). Em vastas áreas, especialmente nos planaltos do Paraná, o povoamento e as vias de comunicação, em virtude da inversão de temperatura, estão localizados nas elevações mais altas e nos divisores de águas, enquanto nos vales, onde o ar frio se acumula, a mata original, rica em araucárias, tem sido aqui preservada. Esta é a *tierra fría*, que cobre todos os planaltos do sul do Brasil, acima de uma altitude de cerca de 300 metros no Rio Grande, 400 a 500 metros em Santa Catarina e 500 a 700 metros no Paraná. No norte do Paraná, o seu limite inferior fica entre os 800 e 900 metros; como aí a maior parte dos planaltos tem altitudes inferiores àquele limite, situam-se na *tierra templada*. É esta uma das razões pelas quais o norte do Paraná é uma importante região produtora de café.

A "vegetação" do sul do Brasil consiste de dois tipos principais: as densas matas sempre verdes que, excluindo as araucárias, são compostas de árvores tropicais de folhas laminares, e campos limpos, que fisionômicamente se assemelham às estepes das zonas temperadas.

As matas latifoliadas perenes cobriam outrora o litoral, as serras e todas as encostas íngremes dos vales dos planaltos com clima de *tierra templada*. O solo dessas florestas é uma argila vermelha, com uma camada castanho-escura de húmus na superfície; é, por isso, muito apreciado pelos colonos, embora ocorra em declives inclinados e frequentemente muito pedregosos. Nas áreas de *tierra fría* dos planaltos, as árvores sempre verdes de folhas laminares estão misturadas com araucárias altas, que em muitos casos constituem formações quase puras. Nestas matas do planalto, os solos também são geralmente vermelhos, com exceção das terras roxas do norte do Paraná e de algumas áreas limitadas do sul do Paraná. Entretanto, o solo superficial não é castanho-escuro, porém vermelho-escuro, e os colonos consideram este tipo de solo como in-

ferior ao das encostas florestais, embora seja muito mais fácil de arar e cultivar.<sup>1</sup>

Os campos naturais cobrem talvez um têrço ou um quarto dos planaltos do sul do Brasil; como são desprovidos de árvores, são chamados "campos limpos". Estes campos limpos subtropicais são, contudo, muito diferentes dos campos limpos tropicais. Enquanto



Fig. 1 — A profundamente dissecada serra cristalina a oeste de Joinville em Santa Catarina. "Terra templada" com mata latifoliada perene inalterada. É esta a paisagem natural na qual foram instaladas as antigas colônias alemãs 20-V-947

estes são constituídos por gramíneas altas e duras, que crescem em tufos separados uns dos outros por manchas de solo desnudo, nos campos limpos do Brasil meridional, além das gramíneas altas e duras crescem muitas gramíneas baixas e tenras, que cobrem o solo de maneira contínua e formam uma espécie de relva, semelhante às pradarias das zonas temperadas, submetidas também a um clima úmido. Ao longo dos rios do campo limpo, estendem-se matas ciliares de araucárias e árvores de folhas laminares e perenes. Em outras áreas, contudo, além destas florestas de galeria, há muitas manchas pequenas de mata nas depressões rasas, bem como nas encostas. Este tipo de vegetação repartido entre mata e campo, a primeira geralmente excedendo o segundo, pode ser denominada "vegetação mista de mata e campo".

A distribuição das matas, dos campos e da vegetação mista é muito irregular e estamos longe de compreender todos os fatores nela envolvidos. Mas um fato é claro: os campos ocorrem geralmente em

<sup>1</sup> Os luso-brasileiros também compreendem a diferente qualidade do solo dos dois tipos de mata. Classificam a terra coberta pela mata latifoliada como "terra de cultura", ao passo que a terra revestida pela floresta de araucária chama-se "terra caíva". Caíva é uma palavra tupi que significa "terra pobre de mata".

terras planas, freqüentemente nos divisores de águas onde uma topografia senil foi preservada, ao passo que as florestas ocupam as encostas mais íngremes dos vales, assim como as áreas acidentadas do



Fig 2 — Campos limpos a leste de Ponta Grossa (Paraná) 23-4-948

planalto e as serras. Isto sugere a significação das condições físicas do solo (água, conteúdo de ar) na distribuição dos principais tipos de vegetação.

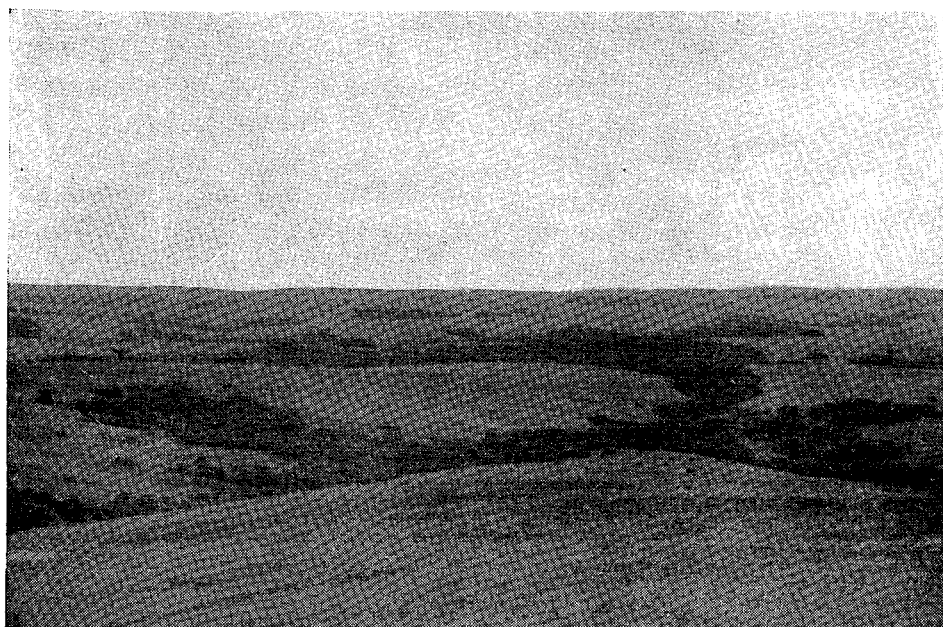


Fig 3 — Vegetação mista de mata e campo, a oeste de Tibaji (Paraná)

(Foto Nilo Bernardes). 1-V-948.



Os solos dos Campos Gerais no estado do Paraná são lixiviados, arenosos e ácidos, pobres em elementos nutritivos e matéria orgânica.\* Outros campos ocorrem em solos muito melhores e mesmo na terra roxa. Geralmente, entretanto, os solos de campo são menos férteis do que os solos de mata muito em contraste com a situação que se verifica na zona temperada. Apesar das muitas exceções a esta regra, o fato em si não pode ser discutido e tem sido claramente reconhecido pelos colonos europeus. Cerca de 99,9% dessa gente estabeleceu suas casas e propriedades agrícolas na mata.

Nas áreas que eram outrora florestais, encontramos hoje em dia uma população de pequenos agricultores brancos, que juntamente com suas espósas e filhos têm lavrado a terra e estabelecido lares de tipo europeu. Nos campos vizinhos vive o fazendeiro, de origem luso-brasileira, que cria bovinos e cavalos em grandes propriedades e tem como empregados negros e mulatos, descendentes de antigos escravos. Com freqüência, conservam um modo de vida quase medieval, de tipo feudal e aristocrático; consideram o colono laborioso como inferior, e são arrogantes e presunçosos nos seus contactos com êle.

Assim, a mata e o campo são dois mundos inteiramente diferentes no sul do Brasil. São diferentes quanto às condições naturais, tanto quanto às econômicas, sociais e raciais. No planalto ocidental do Rio Grande do Sul, êsses dois mundos diferentes se limitam por fronteiras nítidas e distintas, com intervalos de alguns quilômetros até 30 ou 50 quilômetros.

## I — COLONIZAÇÃO DAS TERRAS FLORESTAIS DO BRASIL MERIDIONAL. INÍCIO DA COLONIZAÇÃO

Quando o Brasil se tornou independente em 1822, julgou-se necessário dar mais ênfase à colonização das duas províncias mais meridionais, que estavam sujeitas a ataques dos argentinos pelo lado sul, e dos índios Botocudos pelo interior. As enormes florestas do sul do Brasil eram o domínio indiscutível dêsses índios. Os brancos não povoaram as matas, mas apenas as cruzaram rapidamente, ao longo de alguns caminhos de boiadeiros e de tropas. Dêstes, o mais importante era o que ligava em direção norte-sul, São Paulo a Pôrto Alegre ou Viamão, no Rio Grande do Sul. Um outro corria de Lajes, no planalto de Santa Catarina, na direção leste até a costa e Florianópolis. As pessoas e o gado que percorriam essas estradas eram freqüentemente atacados pelos índios.

O govêrno brasileiro resolveu colonizar essas matas, a fim de fazer retroceder ou eliminar os índios. Mas que espécie de gente deveria ser colocada nessas florestas densas e inacessíveis? Nem os luso-brasileiros, nem os colonos dos Açôres e da Madeira tinham mostrado até então qualquer interêsse em ir morar na mata; preferiam, sem dúvida, o campo aberto, onde podiam estabelecer suas estâncias e administrá-las com o auxílio de escravos negros. Ora, naquele tempo, o Brasil,

\* CARLOS BODZIÁK JR e REINHARD MAACK, *Contribuição ao conhecimento dos solos dos Campos Gerais no estado do Paraná*. Arquivos de Biologia-Tecnologia Curitiba 1946 Vol I Art 13



por meio de tratados com a Inglaterra, já tinha concordado em abolir o tráfico de escravos, e a idéia do trabalho livre se impunha à consideração dos estadistas. O Brasil precisava de novo tipo de colonos, pequenos proprietários livres que cultivassem as terras de mata com o auxílio das respectivas famílias e que não estivessem interessados nem no trabalho escravo, nem na criação de gado

O novo tipo de colono deveria ser tanto um soldado como um agricultor, para poder tanto defender sua terra como cultivá-la. Onde poderia ser encontrado êsse tipo de colono? Na Europa, naturalmente; e especialmente na Europa Central, onde soldados desengajados dos exércitos de NAPOLEÃO e camponeses pobres oprimidos estavam prontos a emigrar para qualquer país do mundo.

Assim, na década de 1820 estabeleceram-se as primeiras colônias alemãs no sul do Brasil, tôdas em lugares onde os caminhos de tropa e de gado entravam e saíam da selva

Em 1824, a cêrca de 25 quilômetros ao norte de Pôrto Alegre, no vale inferior do rio dos Sinos, a uma altitude de cêrca de vinte metros, foi fundada a primeira colônia alemã, que recebeu o nome de São Leopoldo. A colônia logo se expandiu subindo os terraços e as encostas florestais da serra e dentro de cinco anos já contava cêrca de 5 000 habitantes, todos de origem alemã. Um grande número dos primeiros imigrantes eram artesãos, e assim, além da agricultura, a indústria em breve tornou-se importante e contribuiu para a grande prosperidade da colônia

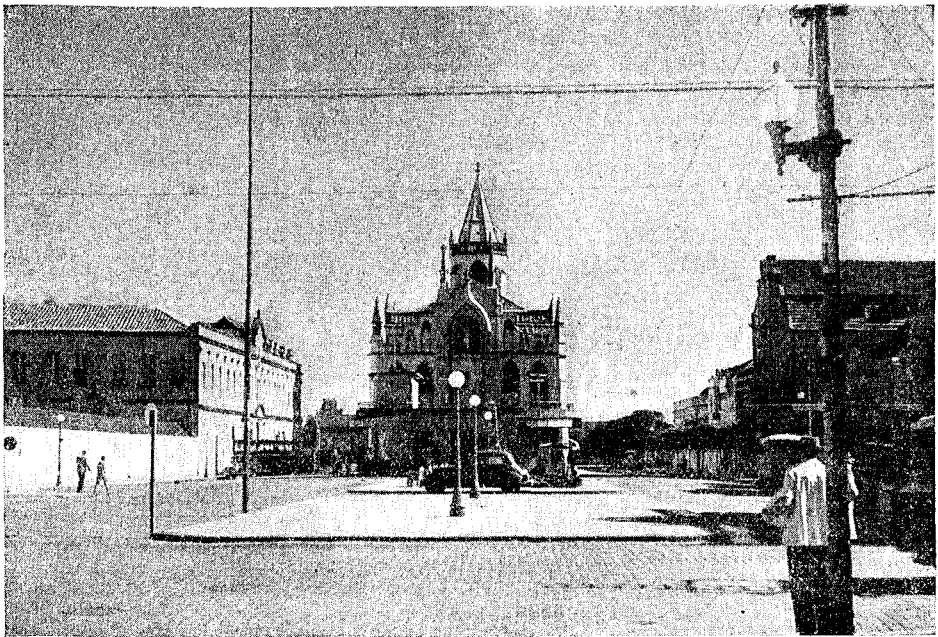


Fig. 4 — Praça principal da cidade de São Leopoldo. No centro, vê-se o fundo da igreja que defronta a ponte sobre o rio dos Sinos. O edifício grande à esquerda da igreja é o seminário. De acôrdo com a tradição germânica a igreja e o seminário estão no centro da cidade.

(Foto Orlando Valverde — 948)

O mesmo não se pode dizer das outras duas colônias alemãs que foram fundadas em 1829. Destas, a colônia de Rio Negro era, a bem dizer, o correspondente geográfico de São Leopoldo. Foi fundada a uma altitude de 800 metros, sôbre o planalto interior, em ambas as margens do rio Negro, que hoje em dia separa o estado do Paraná do de Santa Catarina, no ponto em que o chamado caminho do Sul, de Pôrto Alegre e Vacaria a São Paulo, saía da região florestal e atravessava o rio. Esta colônia deveria garantir a entrada do caminho do Sul na mata, assim como São Leopoldo deveria garantir sua saída da serra florestal. Em contraste com São Leopoldo, porém, a colônia de Rio Negro era de difícil acesso e extremamente isolada. As primeiras 250 pessoas, que viajaram por terra do pôrto de Paranaguá até Rio Negro, não se seguiram novos imigrantes vindos da Alemanha, e a colônia cedo entrou em decadência. A atual florescente colônia alemã nas cidades-gêmeas de Mafra-Rio Negro não está relacionada com êsses primeiros imigrantes, mas com alemães que vieram muitos decênios mais tarde de Joinville, em Santa Catarina.

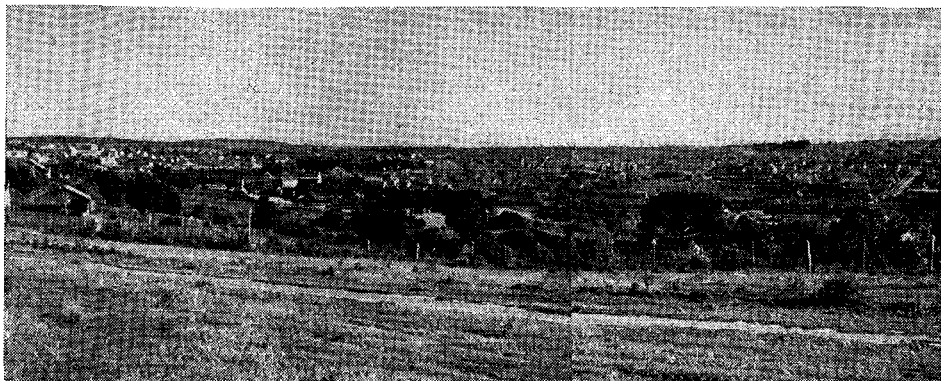


Fig 5 — Mafra — Rio Negro, a mais antiga colônia européia no Paraná

(Foto Nilo Bernardes 14-5-948)

A terceira colônia alemã foi estabelecida no mesmo ano de 1829, no lugar onde o caminho de Lajes a Florianópolis alcançava a fronteira, isto é, saía da mata despovoada e entrava nas terras já ocupadas. Ficava a uma altitude de 250 metros no vale do rio Marum, a cêrca de 25 quilômetros de Florianópolis. O nome da colônia é São Pedro de Alcântara. Não degenerou, como sucedeu com a antiga colônia de Rio Negro, mas até agora é um pequeno povoado bastante próspero, dependente do mercado vizinho de Florianópolis.

A história ulterior da colonização no sul do Brasil nos interessa apenas com respeito à expansão do povoamento, e ao tipo de colonização que foi aplicado em diferentes épocas e em diferentes áreas.

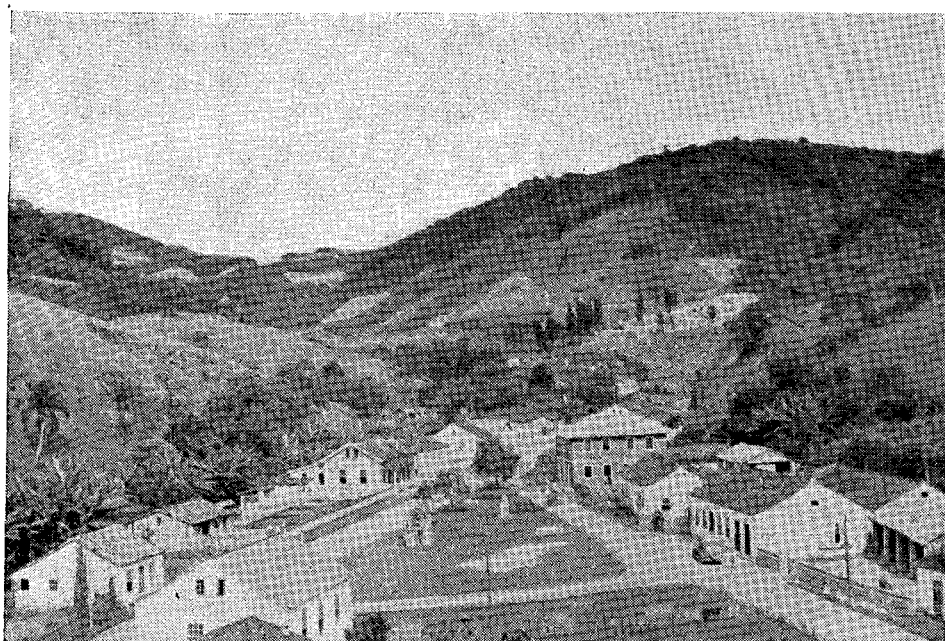


Fig 6 — São Pedro d'Alcântara, a mais antiga colônia alemã em Santa Catarina 10-V-947

### Expansão do povoamento e tipo de colonização

Em contraste com os Estados Unidos, no Brasil quase não houve colonização espontânea. Logo, desde o princípio até hoje, a colonização no Brasil tem sido sempre organizada, planejada, subvencionada e dirigida por alguém: pelo governo federal, das províncias ou estados, e dos municípios, companhias particulares ou proprietários de terras individualmente. Por conseguinte, os métodos aplicados e os resultados alcançados diferem muito, de acôrdo com o tipo de colonização.

As três primeiras colônias eram “colônias federais”, fundadas com grande despesa pelo govêrno imperial. Devido a uma súbita mudança na política imigratória em setembro de 1830, foi baixada uma lei proibindo qualquer despesa governamental que se relacionasse com a colonização de estrangeiros em qualquer das províncias do Império. Isto pôs têrmo à imigração alemã, fonte dêsses primeiros colonos, e eliminou praticamente a imigração e a colonização, até que em 1834 as províncias receberam a tarefa de promover a colonização.

#### Rio Grande do Sul

De 1835 a 1845, a província do Rio Grande do Sul foi agitada pela guerra civil que impediu a realização de qualquer projeto de colonização. Entretanto, logo que foram restabelecidas as condições normais, a província estabeleceu, entre 1849 e 1874, cinco colônias nas encostas florestais da serra. Estas colônias não foram uma expansão

contínua para oeste de São Leopoldo, como seria de esperar, mas foram estabelecidas distante, a oeste do velho núcleo colonial. A colônia de Santa Cruz foi fundada em 1849, a cerca de 150 quilômetros a oeste de São Leopoldo, nos contrafortes da serra (50 metros) e na borda da mata. Ela se tornou uma das colônias mais prósperas do sul do Brasil, produzindo fumo como cultura comercial. Alguns anos depois (1855), foi fundada a cerca de 80 quilômetros a oeste de Santa Cruz, no vale do Jacuí, a colônia de Santo Ângelo.

A razão por que a província estabeleceu duas colônias tão longínquas, no oeste, foi não somente o fato de ser o curso inferior do Jacuí navegável, mas também que aí, na parte central, a altitude da serra é menor e a sua faixa de mata é mais estreita do que mais para leste. Isto quer dizer que as comunicações através da serra são mais fáceis, e o propósito claro destas duas colônias era o de abrir as comunicações e o tráfego entre a depressão do rio Jacuí e os campos do planalto.

A região da serra que fica entre São Leopoldo a leste e Santa Cruz a oeste, era, na década de 1850, uma enorme selva, na qual apenas alguns intrusos luso-brasileiros tinham penetrado. Flanqueada de ambos os lados por prósperas colônias européias, estas florestas atraíram então o interesse de especuladores e capitalistas, que ocuparam grandes áreas especialmente ao longo dos cursos do Caí e do Taquari. Agiram apressadamente, antes que a lei de 1850, que proibia a aquisição de terras por qualquer meio, exceto por compra, se tornasse efetiva em 1854. Cada um desses intrusos iniciou uma colonização particular por conta própria, dividindo a terra em pequenos lotes e vendendo-os aos colonos. Aí, tal como em Santa Cruz e Santo Ângelo, a massa da população foi constituída pela primeira geração de imigrantes provenientes de São Leopoldo e por novos imigrantes vindos da Alemanha.

A partir dos vales e terraços, os alemães foram subindo lentamente e ocuparam as terras íngremes das *cuestas*, bem como os vales intermediários. Por volta de 1870, toda a serra até as bordas do planalto estava nas mãos dos colonos alemães. Estes não estabeleceram colônias no planalto, embora aí o clima seja muito mais fresco e saudável que o dos vales e contrafortes da serra. Aparentemente, os pioneiros germânicos compreenderam logo que os solos das matas do planalto são menos férteis que os das florestas latifoliadas da *tierra templada* (ver p. 162). Por esta razão, na serra do Rio Grande do Sul, o limite superior da colonização alemã geralmente coincide com o limite inferior das matas de araucárias e está situado em altitudes entre 500 e 600 metros. Mais tarde, os colonos alemães tiveram a mesma atitude em relação aos dois tipos de mata no planalto ocidental do Rio Grande do Sul, bem como no estado de Santa Catarina e, ainda que em menor grau, no Paraná. Este é um dos princípios mais importantes da colonização européia no sul do Brasil.

Outro fator impediu a expansão das colônias alemãs nos decênios de 1860 e 1870. Em 1859, a Prússia promulgou o chamado rescrito de HEYDT, que, devido ao mau tratamento sofrido pelos colonos alemães no estado de São Paulo, proibiu a propaganda em favor da emigração para o Brasil. Teve êle um efeito desfavorável sôbre os possíveis emigrantes na Prússia e de 1871 em diante, em tôda a Alemanha. Só em 1896 foi êste decreto revogado em relação aos três estados meridionais do Brasil; para o resto do Brasil, nunca o foi.

O planalto oriental do Rio Grande do Sul é isolado do resto do estado por duas escarpas, uma voltada para leste, para o litoral, e a outra voltada para o sul, para a depressão do rio Jacuí. Nem a província, nem os grandes proprietários individualmente mostraram interêsse na colonização das áreas florestais desta região, deixando-a ao govêrno central (imperial). A derrota da França pela Alemanha em 1870, e o rescrito de HEYDT levaram o govêrno brasileiro a procurar colonos não germânicos. Fez-se propaganda na Itália, especialmente no norte dêsse país e nas províncias austríacas de Trento e Veneza. Assim, o planalto oriental, acima da antiga colônia alemã de São Leopoldo, foi ocupado não por alemães, mas por italianos. Em 1870 e 1871, foram fundadas as três colônias de Caxias, Garibaldi e Bento Gonçalves, em altitudes entre 800 e 600 metros, nas terras de mata dos afluentes meridionais do curso superior do rio Taquari. Em contraste com a serra, onde os povoados e as estradas procuram os fundos de vales fluviais, no planalto foram estabelecer-se sôbre os divisores de águas; em ambas as regiões, entretanto, as lavouras e propriedades rurais estendem-se sôbre encostas mais ou menos íngremes.

A imigração para esta nova zona pioneira cresceu tão rapidamente que, em 1882, viviam 20 000 italianos nas três colônias. O govêrno imperial fundou, então, duas novas colônias italianas ao norte do rio Taquari: Alfredo Chaves, em 1884, e Antônio Prado, em 1886. Assim se desenvolveu, no planalto oriental, uma zona compacta de colônias italianas, semelhante à zona de colônias alemãs, ao longo da encosta da serra.

Com o advento da República em 1889, tôdas as terras públicas tornaram-se propriedades dos estados, e o Rio Grande do Sul imediatamente principiou a colonização numa escala que não foi ultrapassada por nenhum outro estado do Brasil. Pôsto que as novas colônias também se limitavam às terras florestais, não houve um avanço uniforme da colonização em direção a oeste; a fronteira saltou os campos do planalto médio e ocidental e foi estabelecer-se nas terras florestais isoladas dos cursos superiores dos rios Jacuí e Ijuí, uma região imprôpriamente denominada "Região Serrana" ou "da Serra", no Rio Grande do Sul; êste têrmo naturalmente não deve ser confundido com a "serra" que constitui a escarpa do planalto, voltada para o sul.

O salto da fronteira sôbre 150 a 200 quilômetros de terras escassamente povoadas ou mesmo desabitadas e incultas, tornou-se possí-

vel pela construção de uma estrada de ferro que segue a região aberta e o divisor de águas entre os rios Jacuí e Uruguai; corre de Santa Maria (153 m), primeiro para o norte até Cruz Alta (586 m), depois segue para leste até Passo Fundo (870 m), cidades estas fundadas por luso-brasileiros em 1834 e 1857, respectivamente. A via férrea foi aberta ao tráfego em 1895.

Em 1890, o estado fundou a colônia de Ijuí (315m), no vale superior do Ijuí e, um ano mais tarde, a colônia Guarani, no alto curso do Comandá, outro afluente do rio Uruguai. Nestas novas colônias, o princípio da formação de colônias étnicamente homogêneas foi abandonado; a terra foi dada a poloneses, russos, italianos, alemães, etc., assim como a muitos luso-brasileiros. A maioria dos alemães era descendente de antigos colonos originários das colônias da serra de São Leopoldo e Santa Cruz.

Além do estado, emprêsas particulares de colonização tornaram-se interessadas no nova fronteira; estas, contudo, voltaram a aplicar o princípio da colonização étnica. A Katholischer Bauernverein von Rio Grande do Sul ou Associação dos Agricultores Católicos do Rio Grande do Sul, criou, em 1902, a grande colônia de Sêrro Azul, abaixo da colônia estadual de Ijuí, e povoou-a principalmente com colonos católicos de origem alemã. Em 1902, o Dr. HERMANN MEYER, um editor de Leipzig, fundou no alto curso do Ijuí, a uma altitude de cêrca de 400 metros, a colônia de "Neu-Württemberg" (hoje Panambi), e povoou-a com alemães provenientes do Reich e com teuto-brasileiros nascidos no Rio Grande do Sul.

A abertura da estrada de ferro de Cruz Alta a Passo Fundo, em 1895, atraiu emprêsas particulares de colonização para as matas do alto vale do Jacuí, que eram extraordinariamente ricas em madeiras de araucária. Aí foram fundadas, em 1897, as colônias de Não-me-Toque e General Osório (hoje Ibirubá), igualmente povoadas quase exclusivamente com pessoas de origem alemã.

Nos dois decênios seguintes, estas matas isoladas foram postas em cultivo, restando então, como campo para a colonização futura, sòmente as matas que se estendem ao longo do rio Uruguai, numa faixa contínua com cêrca de cem quilômetros de largura. A estrada de ferro de Passo Fundo alcançou esta faixa de mata em 1910 ao sul da cidade de Erechim (ex-José Bonifácio), situada no rebôrd setentrional do planalto a uma altitude de 786 metros. Dentro de poucos anos, o estado do Rio Grande do Sul, bem como as companhias privadas de colonização tinham vendido as terras florestais até o vale do Uruguai a colonos italianos, alemães, polacos e luso-brasileiros.

Para oeste da região de Erechim, estende-se uma reserva de índios e, em seguida, vêm as colônias de Guarita e Santa Rosa, ambas fundadas pelo estado, em 1917 e 1915, respectivamente. Nas décadas de 1920 e 1930, estas colônias também foram povoadas com colonos tanto nacionais como estrangeiros. Assim desapareceram as últimas

reservas florestais e de terras devolutas de mata do estado Não há, atualmente, mais nenhuma zona pioneira digna de menção no estado do Rio Grande do Sul.

### Santa Catarina

Em contraste com o Rio Grande do Sul, a colonização oficial pela província e depois estado de Santa Catarina teve pouco êxito. O governo federal, por sua vez, não estava muito interessado na colonização dêste pequeno estado. Assim, as companhias particulares de colonização tomaram a si o encargo e colonizaram as áreas florestais do estado, de maneira muito efetiva.

Para o governo, a colonização é a política de povoamento e desenvolvimento de áreas desabitadas. Este tipo de colonização depende, em grande parte, de fatores políticos, que freqüentemente são instáveis e interferem com uma sã administração das colônias. Para uma companhia particular, colonização quer dizer negócio; ela quer ganhar dinheiro e é certo que o ganhará se conseguir uma boa qualidade de terra e gente também de boa qualidade. A administração se baseia estritamente em princípios econômicos e, em circunstâncias normais, não é prejudicada por interferência política. Esta é a razão pela qual as companhias particulares foram tão bem sucedidas na colonização do sul do Brasil, e Santa Catarina foi a região em que o princípio foi aplicado pela primeira vez em larga escala.

A empresa alemã Kolonisationsverein von Hamburg comprou príncipe de Joinville um largo trato de terra florestal na extremidade interior da baía de São Francisco, na parte setentrional da província de Santa Catarina, e aí fundou, em 1849, a colônia "Dona Francisca" A sua sede, Joinville, está situada sobre um mangue e construída, como Veneza, sobre pilares. Apesar do clima, que não é de modo algum desejável, a colônia logo se tornou próspera, por causa da sua população ativa e sua ligação com o mar. A expansão para o interior era prejudicada pela vizinhança da íngreme escarpa da serra. Não obstante, a colônia começou logo a construir uma estrada subindo o planalto, e aí foi fundada, em 1870 e tantos, uma colônia-filha, São Bento, a uma altitude de cerca de 800 metros. Por esta estrada, bem como por uma via férrea aberta em 1910, Joinville pôde drenar grande parte do tráfego dos planaltos dos estados de Paraná e Santa Catarina.

A famosa colônia alemã de Blumenau foi fundada em 1850, a cerca de 100 quilômetros ao sul de Joinville, no baixo vale do Itajaí. Foi criada não por uma companhia, mas por um indivíduo particular, o Dr. HERMANN BLUMENAU, a cerca de 60 quilômetros a montante da foz do rio, num lugar onde a navegação termina e o vale se estreita consideravelmente. As altitudes ainda são muito baixas, 20 a 50 metros no fundo do vale, mas o clima é mais saudável que o de Joinville. Prejudicada pela falta de capital, bem como pela estreiteza do vale fluvial, a colônia só começou a florescer quando, em 1860, o Dr.

BLUMENAU abriu mão dos seus direitos sobre a terra — mas não da administração da colônia — em favor do governo nacional e o povoamento se expandiu para montante, para os afluentes da margem esquerda do Itajaí, onde havia terras planas com solos férteis. Em 1874, a colônia tinha 7 000 habitantes, todos de origem alemã. Alguns italianos e polacos reuniram-se então à corrente de imigrantes e foram povoar as bordas da área ocupadas pelos alemães. Em 1882, a colônia possuía 16 000 habitantes, dos quais 71% eram germânicos, 18% italianos e os demais luso-brasileiros.

A expansão do povoamento foi então detida por outro trecho estreito do vale e só continuou em fins da década de 1890. Em 1897 a “Hanseatische Kolonisationsgesellschaft”, um rebento da companhia que tinha fundado Joinville, adquiriu quase tôdas as terras do vale do Itajaí do Norte e introduziu muitos colonos de Blumenau, de outras regiões do estado e da Alemanha. Em 1909, a sede da companhia Hamônia (hoje Ibirama), foi ligada por estrada de ferro com a cidade de Blumenau e excelentes estradas de rodagem foram construídas dentro da área da companhia antes de que a terra fôsse distribuída aos colonos. Após a primeira guerra mundial, muitos imigrantes vindos da Alemanha foram colonizar terras da “Hansa”, nome pelo qual a companhia é conhecida em Santa Catarina.

Na década de 1920, o povoamento se expandiu rapidamente para os largos vales do Itajaí do Sul e Itajaí do Oeste, e aí funcionavam muitas emprêsas particulares menores, que venderam suas terras a colonos antigos alemães e italianos, bem como a recém-vindos. Em 1938, quando a fronteira alcançou o sopé da escarpa do planalto e o limite inferior das matas de araucária, os últimos remanescentes da mata latifoliada perene tinham sido derrubados pelos pioneiros. Neste ano, a população do vale do Itajaí e do município de Blumenau ascendia a cerca de 150 000 habitantes, dos quais cerca de 50% falavam o alemão; o grande município com uma área aproximada de 10 000 quilômetros quadrados, foi fracionado em sete municípios menores. Se acrescentarmos a esta região o município de Brusque, no vale do Itajaí-Mirim, que também foi povoado por alemães no decênio de 1860, temos então, na serra cristalina catarinense, uma área vasta e compacta de colonização predominantemente alemã, semelhante à da serra do Rio Grande do Sul.

Na segunda metade do século XIX, a província e estado de Santa Catarina, assim como o governo central, estabeleceram algumas colônias alemãs e italianas nos vales menores da serra, ao sul do rio Itajaí. Apertados por vales estreitos e afastados das principais vias de comunicação, nenhuma dessas colônias pôde expandir-se e prosperar. Entretanto, no litoral sul do estado de Santa Catarina, foram fundadas, nos decênios de 1870 e 1880, algumas colônias italianas, que se expandiram rapidamente e se tornaram mesmo ricas por meio da exploração de carvão (Orleães, Uruçanga e Crisciúma).

A serra cristalina, com sua numerosa população de origem europeia, é, sem dúvida alguma, a parte mais importante do estado de



Santa Catarina. Para oeste, fica o planalto paleozóico, que é predominantemente uma região aberta, com grandes fazendas de gado. Entretanto, no norte, ao longo dos rios Iguaçu e Negro, estende-se uma faixa de mata, na qual os alemães de Joinville estabeleceram muitas colônias menores, penetrando para oeste navegando pelo rio muito antes da abertura da estrada de ferro de São Bento a Pôrto União-União da Vitória.

Uma colonização planejada, por companhias particulares em larga escala, e uma segunda zona pioneira se formou no terceiro planalto de *trapp*, que cobre a parte ocidental do estado. Esta região foi colonizada e povoada, não a partir da costa oriental longínqua, mas a começar do sul, por colonos alemães e italianos e companhias de colonização do Rio Grande do Sul.

A expansão do povoamento para o norte através do rio Uruguai e da fronteira do estado do Rio Grande do Sul, penetrando no estado de Santa Catarina, começou em 1915, quando a estrada de ferro, vindo do Paraná e de São Paulo, alcançou o vale do rio do Peixe, afluente do Uruguai. O novo meio de transporte possibilitou a exportação de porcos vivos e outros produtos comerciais (alfafa) para a cidade de São Paulo, e assim, o *hinterland* de Santa Catarina foi drenado comercialmente para o norte, para São Paulo, por gente que veio do sul. A nova zona pioneira se expandiu para jusante, com o avanço da estrada de ferro, os alemães de novo preferiram os vales baixos subindo até os limites das matas de araucária ao passo que os italianos ocuparam os vales bem como as terras altas no triângulo entre o baixo rio do Peixe e o Uruguai.

Durante o ano de 1916, a região do extremo ocidental do planalto foi incorporada ao estado de Santa Catarina, é drenada na direção sul pelo rio Xaçupé, para o Uruguai. Esta região foi, por longo tempo, motivo de contestação, primeiro entre a Argentina e o Brasil, e depois, entre os estados de Paraná e Santa Catarina. Era habitada principalmente por foragidos da lei provenientes das áreas vizinhas. O estabelecimento de um regime organizado após a primeira guerra mundial, atraiu três grandes companhias de colonização teuto-brasileiras do Rio Grande do Sul para a região chamada "do ex-Contestado", e uma nova zona pioneira surgiu ao longo da margem setentrional do rio Uruguai, indo desde o rio Peperiguaçu, na fronteira com a Argentina, a oeste, até o rio Irani e a zona pioneira do baixo rio Peixe, a leste. O movimento pioneiro ainda está em pleno desenvolvimento, semeando povoados ao longo de estradas e rios, na direção norte, onde está o sertão desabitado. Quase todas as terras já foram tomadas por indivíduos ou companhias particulares, que especulam sobre a expansão do povoamento em futuro próximo.

Em 1940 viviam 45 000 pessoas na região que coincide com o município de Xaçupé. A maioria delas era, aparentemente, de luso-brasileiros, entretanto, as colônias, ao longo do rio Uruguai, foram

povoadas quase exclusivamente por alemães e italianos originários do Rio Grande do Sul. Aí, também, os alemães parecem preferir os vales e os italianos, os planaltos.

### Paraná

A colonização do Paraná é diferente, em origem e composição, da dos outros dois estados. Em primeiro lugar, o litoral do Paraná é estreito e tem um clima insalubre de *tierra caliente*. Aí foram fundadas algumas colônias italianas na década de 1870, mas não prosperaram. Em segundo lugar, a serra cristalina do Paraná é estreita e suas encostas são tão íngremes que oferecem pouco espaço para a colonização. Nestas condições, a zona de *tierra templada* e de matas latifoliadas perenes, que atraiu tantos colonos alemães no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, é imprópria para a colonização no Paraná, e é esta a principal razão por que neste estado, há menos alemães. E' verdade que muitos alemães da colônia Dona Francisca (em Santa Catarina) emigraram para o Paraná, entretanto, eles não estavam tão interessados na agricultura quanto no comércio e no artesanato. Por isso, foram morar principalmente nas cidades, especialmente em Curitiba. Em terceiro lugar, o Paraná é o mais jovem dos três estados do sul do Brasil. Estabelecido em 1853, por desmembramento do seu território da província de São Paulo, só veio mostrar interêsse na colonização, na década de 1860. Nessa época, o rescrito de HEYDT já estava surtindo o efeito de refrear a imigração da Alemanha para o Brasil. Por isso não alemães mas polacos e ucranianos tornaram-se os principais colonos do novo estado. Os primeiros camponeses polacos chegaram em 1869 ao litoral de Santa Catarina, mas não gostaram das baixadas quentes e preferiram o clima mais fresco do planalto.

No primeiro planalto, onde está situada a capital, Curitiba, há uma região mista de maço e campo, que consiste de uma alternância de pequenas manchas de mata e grandes manchas de campo. Aqui não podiam desenvolver-se grandes colônias de floresta compacta, conforme aconteceu nos outros dois estados. Além disso nem os imigrantes nem a província do Paraná tinham, naquele tempo, dinheiro suficiente para organizar a colonização em larga escala. Em vez disso, o último concebeu e levou a efeito um inteligente plano de estabelecer muitas colônias pequenas ao redor de Curitiba, com a idéia de que o excedente dos seus produtos iriam suprir a cidade de alimentos. Como, ao mesmo tempo, foram construídas estradas para ligar as colônias com o mercado da cidade, o esquema em seu conjunto foi muito bem sucedido. Assim, nos decênios de 1870 e 1880, muitas pequenas colônias alemãs, polacas e italianas foram criadas a uma distância não superior a 15 e 18 quilômetros de Curitiba; isto permitia aos colonos ir à cidade e voltar para casa, no mesmo dia.

Colônias semelhantes, porém em menor número, foram estabelecidas pelo estado em volta das cidades de Ponta Grossa, Castro e Lapa, igualmente localizadas numa região mista de mata e campo.

No princípio do século XX, a estrada de ferro São Paulo-Rio Grande alcançou o estado do Paraná seguindo os campos até Ponta Grossa, aí um ramal voltou-se para sudeste em direção a Curitiba e Rio Negro, enquanto a linha-tronco dobra para sudoeste e percorre a enorme faixa de matas que reveste a parte ocidental do segundo planalto. A colonização concentrou-se então nessas florestas, ricas em madeira de araucária, deixando para trás os campos da parte leste do segundo planalto. A grande colônia ucraniana de Prudentópolis foi fundada em 1896, pelo estado, a cerca de 100 quilômetros a oeste de Ponta Grossa. Muitas colônias menores, ucranianas e polacas, foram fundadas na mesma região, principalmente ao longo da estrada que vai para oeste, conduzindo a Guarapuava, no terceiro planalto.

Durante os dois primeiros decênios do século XX (de 1907 a 1914), cerca de 30 000 polacos e ucranianos e alguns milhares de alemães imigraram para o Paraná. A maioria deles foi colocada, não pelo estado, mas pelo governo federal em algumas colônias maiores ao longo das vias férreas. Uma colônia teuto-holandesa, Gonçalves Júnior, foi fundada a oeste da cidade de Irati em 1908 e, um ano mais tarde, a colônia ucraino-polonesa de Vera Guarani foi estabelecida mais para o sul perto da mesma ferrovia. Enquanto essas colônias se desenvolviam bem, duas outras colônias federais quase foram levadas à falência. Destas, Cruz Machado, fundada em 1912, a cerca de 30 quilômetros a noroeste de União da Vitória, foi povoada com eslavos e alemães, ao passo que Cândido de Abreu, fundada em 1928, aproximadamente a 200 quilômetros a oeste de Ponta Grossa, no vale pouco elevado do rio Ivaí, foi povoada com alemães principalmente; muitos destes morreram logo, durante uma epidemia de malária e os restantes foram-se embora, em consequência das dificuldades de transporte.

Até o fim da década de 1920 desenvolveram-se muitas colônias pequenas no primeiro e no segundo planalto, isoladas e separadas umas das outras pelos campos ou pelas matas ocupadas pelos latifundiários. Não havia uma colonização compacta e em grande escala, nem uma acumulação de riqueza comparável a certas colônias alemãs e italianas nos outros dois estados. Esta situação mudou quando, em 1920, a colonização encaminhou-se para oeste, para o terceiro planalto com seu rico solo de terra roxa e suas vastas terras florestais desocupadas. E mais uma vez foi uma companhia particular de colonização que estabeleceu no norte do Paraná o que é talvez o melhor e mais próspero plano de colonização de todo o Brasil, quicá da América do Sul.

A empresa britânica "Paraná Plantation Ltd.", atualmente "Companhia de Terras Norte do Paraná", comprou do estado cerca de 13 000 quilômetros quadrados de terras florestais ao sul do estado de

São Paulo, no triângulo entre os rios Paranapanema, Paraná e Ivaí. O povoamento começou em 1929 na extremidade oriental da área adquirida, em Londrina, a uma altitude de 600 metros. Seis anos mais tarde, a companhia tinha construído uma estrada de ferro ligando a colônia com o sistema ferroviário da cidade de São Paulo, a leste. Para oeste, foram construídas estradas seguindo o divisor de águas entre Paranapanema e Ivaí, a altitudes entre 700 a 900 metros, e ao longo delas, o povoamento se expandiu rapidamente para oeste. Hoje em dia, a frente pioneira está a oeste de Maringá, a cerca de 130 quilômetros de Londrina, a uma altitude aproximada de 600 metros. Metade das terras está vendida a perto de 16 000 colonos de origem européia, japonesa e luso-brasileira, êstes de quase todos os estados do Brasil. Cerca de 200 000 pessoas vivem na área da companhia, que há 20 anos atrás era desabitada; destas, uns 50% vivem em comunidades urbanas. Em virtude do clima de *tierra templada* (ver p. 162), o café e o algodão são os principais produtos comerciais da região e esta é a razão da sua grande riqueza e prosperidade.

O norte do Paraná é hoje, por larga margem, a região mais adiantada do estado e o govêrno está vivamente empenhado em ligar esta área periférica com a parte central do estado, por meio da construção de rodovias, estradas de ferro e pelo estabelecimento de novas colônias no terceiro planalto.

Desde as primeiras décadas do século XIX, uma frente pioneira de fazendeiros de gado e escravos negros se tinha formado na parte sudeste do terceiro planalto, nos campos de Palmas e Guarapuava (1.100 m). Completamente isolada do resto do estado por matas e longas distâncias, a população desta zona pioneira aumentou muito lentamente e chegava somente a cerca de 50 000 em 1920. Foram então construídas estradas para automóveis, e em 1940 a população dos dois municípios tinha quase duplicado.

A construção de rodovias na década de 1930, pela primeira vez atraiu colonos europeus para as matas desta região remota; é interessante ver que mais uma vez gente vinda do Rio Grande do Sul começou o novo movimento pioneiro. Ao longo da estrada que vai de União da Vitória para oeste até Palmas, a colônia de Santa Bárbara foi fundada por uma companhia particular, que a povoou com eslavos e italianos.

Em 1942, o estado do Paraná estabeleceu a colônia de Pato Branco, a oeste dos campos de Palmas a uma altitude aproximada de 800 metros. Italianos, alemães e polacos do Rio Grande do Sul constituem a maior parte da população da colônia. Êste é, provavelmente o começo de uma nova zona pioneira, que se expandirá para oeste e para o norte.

Uma segunda zona pioneira está se desenvolvendo ao longo da estrada que liga Guarapuava, para o norte, com Maringá, na área da Companhia de Terras Norte do Paraná. Mesmo antes de essa estrada ser trafegável por caminhões, intrusos luso-brasileiros e europeus ocupa-



Fig 7 — Mudança de colonos vindos do Rio Grande do Sul, chegando na zona pioneira de Pato Branco (Paraná)

(Foto Walter A Egler 11-III-949)

ram grandes áreas de terras de mata na região de Pitanga, desde 1928. A colonização organizada pelo estado, contudo, não começou senão em 1940, quando a estrada tinha sido melhorada e tinha al-



Fig 8 — Roça nova a 11 quilômetros ao sul de Araruna (Paraná) A palmeira é o *Arecastrium Romanzoffianum* (Cham) Becc

(Foto Orlando Valverde)

cançado Maringá alguns anos mais tarde. Agora várias colônias foram criadas pelo estado na região de Campo do Mourão, nas encostas meridionais do vale do Ivaí, e em 1945 lá viviam 2 257 pessoas, das quais somente 62 eram estrangeiras. Entretanto, em 1948, um grupo de italianos do Rio Grande do Sul, estabeleceu uma colônia em Araruna, a uma altitude de cerca de 550 metros, na faixa de matas latifoliadas perenes.

O estado do Paraná, fundou também uma colônia a oeste da área da Companhia de Terras Norte do Paraná, no município de Paranavaí, que foi criado em 1943. A sede da colônia e do município fica a cerca de 20 quilômetros para oeste do limite das terras da "Companhia"; entretanto, aí não há terra roxa e o clima parece ser menos saudável do que mais para leste. Em 1948, a população total era aproximadamente de 5 000 habitantes em sua maioria luso-brasileiros.

Com estas e outras colônias estaduais que estão sendo planejadas, o povoamento está se expandindo para a parte noroeste do Paraná. Contudo, não se pode falar ainda de uma zona pioneira fora da área da Companhia de Terras. As colônias estão muito espaçadas umas das outras, irregularmente distribuídas e não bem organizadas. De qualquer forma, esta não é uma colonização européia, no sentido em que entendo o termo, mas a chamada "colonização nacional", organizada pelo estado e executada em benefício dos luso-brasileiros principalmente. Duvido muito que a colonização européia tenha oportunidade de estabelecer-se no oeste do Paraná, região em que foram preservadas as únicas terras florestais vastas e desocupadas do sul do Brasil.

### **Números de pessoas de descendência européia no Brasil meridional**

Quais são os vestígios que a marcha do povoamento europeu através do sul do Brasil deixou atrás de si? Em que contribuíram os europeus para a cultura e a civilização do Brasil meridional? Que marcos deixaram eles sobre a paisagem cultural? A fim de poder responder a estas perguntas, será necessário ter pelo menos uma idéia grosseira do número de pessoas de origem européia e de sua composição racial no sul do Brasil.

A questão da importância relativa dos vários elementos europeus na população do Brasil meridional não pode ser respondida exatamente, porque o censo classifica somente a naturalidade dos estrangeiros natos e não a origem nacional da população de ascendência européia, nascida no Brasil e composta de cidadãos brasileiros. Esta classificação dá naturalmente uma fraca indicação da importância da população européia, especialmente no sul do Brasil, onde a colonização européia tem mais de cem anos de antiguidade. Um quadro melhor pode ser obtido pela estatística sobre grupos de língua estrangeira e pelas estimativas dos demógrafos. Com base nas melhores

fontes disponíveis, parece seguro avaliar a distribuição da população de origem européia para o ano de 1934, da maneira seguinte.

	<i>Alemães</i>	<i>Italianos</i>	<i>Eslavos</i>	<i>Total</i>
Rio Grande do Sul ..	510 000	405 000	120 000 <sup>1</sup>	1 035 000
Santa Catarina	235 000	100 000	28 000	363 000
Paraná . . . . .	100 000	53 000	92 000 <sup>2</sup>	245 000
Total . . . . .	845 000	558 000	240 000	1 643 000

A área e a população dos três estados foram registradas da seguinte forma em 1940:

	<i>Áreas em km<sup>2</sup></i>	<i>População</i>	<i>Por km<sup>2</sup></i>
Rio Grande do Sul	282 480	3 320 689	11,76
Santa Catarina . . . . .	94 367	1 178 340	12,49
Paraná . . . . .	201 288	1 236 276	6,14
Total . . . . .	578 135	5 735 305	9,92

Com base na população européia de 1934 e no total da população de 1940, chega-se à conclusão de que 28,6% desta última são de origem européia. No Rio Grande do Sul, a porcentagem é de 33, em Santa Catarina, 30 e no Paraná, 20. Do total da população de origem européia, 52% são alemães, 34% italianos e 14% eslavos

### Sistemas agrícolas

Depois do tipo de colonização, é o sistema agrícola adotado pelos colonos o fato de maior significado para a colonização. Estas coisas são, muitas vezes, consideradas como evidentes por si próprios e de pouco interesse científico. Contudo os sistemas agrícolas são na realidade muito complicados e envolvem muitos problemas. Constituem os objetos de duas ciências que parecem mal conhecidas no Brasil: a economia agrícola e a geografia agrícola.

Tanto na literatura nacional como na estrangeira, os métodos agrícolas dos colonos europeus no sul do Brasil, são altamente elogiados e considerados como um retumbante êxito. Entretanto, quando se estudam êsses sistemas no campo, faz-se uma observação chocante: a maioria dos colonos usa o mais primitivo sistema agrícola do mundo, que consiste em queimar a mata, cultivar a clareira durante alguns anos e depois deixá-la em descanso, revertendo em vegetação secundária, enquanto nova mata é derrubada para ter o mesmo emprêgo. O colono chama êste sistema de roça ou capoeira, na literatura geográfica é geralmente conhecido como agricultura nômade ou itinerante. Na linguagem dos economistas rurais, é chamado sistema de rotação de terras.

<sup>1</sup> Êste número parece ser excessivamente elevado.

<sup>2</sup> Êste número parece ser exclusivamente baixo; não inclui os ucranianos que podem ser estimados em cerca de 50 000 pessoas.

Este é, naturalmente, o sistema que os fazendeiros portugueses receberam dos índios, e passaram a usar desde então em suas grandes propriedades. A aplicação do sistema indígena de rotação de terras no Brasil, assim como em todos os outros países latino-americanos significou a separação econômica e espacial da agricultura e da pecuária. Poucos brasileiros parecem estar cientes das enormes consequências que esta separação teve para toda a vida do país. Acarretou ela, de um lado, a criação extensiva e primitiva do gado, e, do outro, uma igualmente extensiva e primitiva lavoura.

Se os sistemas agrícolas extensivos não dão resultados satisfatórios nas grandes propriedades, quando aplicados nas pequenas, tornam-se ilógicos e perigosos. O termo extensivo quer dizer que dos três fatores da produção — terra, capital e trabalho —, a terra é o principal e deve ser abundante. Mas isto não acontece nas pequenas propriedades dos colonos europeus do Brasil meridional; não obstante, eles aplicaram logo, desde o princípio até hoje, o sistema extensivo de rotação de terras. Na literatura econômica alemã, esse sistema é chamado *Raubbau* ou agricultura extrativa. Mas este termo é um tanto enganador. Não deixa claro que tanto os alemães, como todos os demais colonos europeus, receberam dos índios não somente o sistema de rotação de terras, mas também as plantas cultivadas por estes (o milho, o feijão preto, a mandioca, a batata doce) e até a ferramenta indígena, a cavadeira ou bastão de plantar.

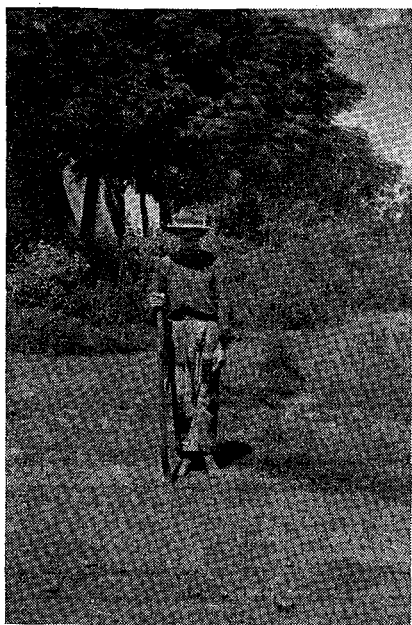


Fig. 9 — Colono de origem alemã, perto de Alto Feliz, empunhando uma cavadeira que o pai dele usou

(Foto Orlando Valverde 1-3-949)

O sociólogo EMÍLIO WILLEMS, no seu livro *A aculturação dos alemães no Brasil* (1946), compreendeu o verdadeiro caráter do sistema agrícola dos colonos, e explicou o seu efeito deteriorante sobre a cultura e a vida social. E' isto exatamente o que seria de esperar. Os pequenos proprietários europeus não poderiam aplicar, por gerações sucessivas, o sistema agrícola mais extensivo e mais primitivo do mundo sem abrir mão e perder elementos essenciais da sua cultura e tradição. Especialmente nas áreas montanhosas, de povoamento antigo e nas regiões remotas, muitos colonos alemães, italianos, polacos e ucranios tornaram-se verdadeiros "caboclos", gente extremamente pobre, com muito pouca ou nenhuma educação e vivendo nas casas mais primitivas.

Estas áreas estão a grandes distâncias das estradas de ferro e das modernas rodovias, e não são visitadas pelo turista ou viajante comum.



Distingui três principais sistemas agrícolas nas áreas florestais colonizadas. Os critérios para a classificação são os métodos agrícolas aplicados, a combinação gado-lavoura e a maneira pela qual os produtos são preparados e processados para o mercado. Somente de passagem, farei menção aos tipos de casas e a situação social e cultural relacionada com cada sistema. Os três sistemas representam teoricamente estágios sucessivos do desenvolvimento histórico da paisagem agrícola. Entretanto, apenas em poucas áreas o desenvolvimento real da paisagem cultural passou pelos três estágios. A maioria das áreas atingiu somente o segundo estágio, e muitas chegaram a um ponto morto no primeiro estágio.

### 1 — O sistema da primitiva rotação de terras

Uma família pioneira começa o ciclo cultural comprando a terra numa área de mata desabitada. Em seguida, derruba e queima a floresta, à maneira dos índios, planta milho, feijão preto e mandioca usando cavadeira e enxada, e constrói uma casa primitiva, primeiramente de folhas de palmeiras e, depois, de tábuas, geralmente sem janelas de vidro. A fim de utilizar o excesso de suas safras, cria porcos, e vende a banha ou os porcos vivos, em troca de alguns artigos de que necessita e não produz. Tem ligação com o mundo exterior apenas por uma picada ou por estradas primitivas, e vive em grande isolamento. O seu contacto principal é com um "vendista", o vendeiro da vizinhança, que engorda e enriquece, enquanto os laboriosos colonos vegetam numa existência miserável. Os seus filhos só vão à escola durante um ou dois anos apenas, e um calendário religioso é talvez o único livro da casa. A frequência regular ao serviço da igreja, aos domingos, numa comunidade distante, é a única inspiração espiritual que essa gente pode desfrutar.

Nestas circunstâncias, é muito difícil uma elevação do nível social e cultural da família, e uma estagnação, se não uma decadência, em breve se registra. Segundo FRITZ PLUGGE, que é, êle próprio, educado e experiente colono da mata, nas áreas remotas de Santa Catarina, a maior parte dos colonos originários fica estacionária neste estágio primitivo e nunca tem oportunidade de mudá-lo. Encontramos, contudo, uma situação semelhante também nas áreas de povoamento antigo, especialmente nas regiões montanhosas, porque aí, a terra logo se esgota e as safras diminuem rapidamente.

Esta é a situação, segundo EMÍLIO WILLEMS, do distrito de Guabiruba, no município de Brusque, que foi povoado por colonos alemães, há cerca de cem anos. Esses colonos que não tiveram contacto com imigrantes recentes, esgotaram não somente suas terras, mas, ao mesmo tempo, sua capacidade de resistência negativa do meio físico, baixaram os seus padrões físicos, culturais e econômicos, e tornaram-se caboclos.

Encontramos uma situação semelhante na parte superior da encosta da serra do Rio Grande do Sul, na colônia alemã mais antiga

São Leopoldo. Nesta região, cujo povoamento começou há cerca de 120 anos, fiquei chocado com o primitivo sistema agrícola dos colonos. Os seus campos eram extremamente pequenos e subiam as encostas com uma inclinação entre 40, 50 e, em alguns casos, mesmo 60 graus. As casas eram velhas, e algumas estavam em plena decadência.



Fig. 10 — Paisagem de uma região habitada há mais de 100 anos por alemães, no vale superior do rio Caí no Rio Grande do Sul. Rotação de terras primitiva. Evidente estágio de decadência. Observe-se a moradia simples e os campos de cultura negligenciados. 1-III-948

O povo, que falava um alemão horrível e quase nada de português, dava a impressão de pobre e atrasado, formando um contraste com a população ativa e próspera que encontramos mais abaixo, nas terras planas e férteis da colônia alemã de Dois Irmãos, e mais acima, sobre o planalto, na colônia italiana de Caxias.

## 2 — O sistema de rotação de terras melhorada

Depois que a maior parte das matas é devastada, que a densidade da população aumentou e que são construídas estradas utilizáveis pelas carroças de quatro rodas dos colonos, as técnicas agrícolas e as condições econômicas melhoram consideravelmente. Com estas condições, nos cruzamentos de estradas, desenvolvem-se pequenos centros comerciais de população, onde se vão estabelecer várias espécies de moinhos, na maioria, pelas famílias dos antigos vendeiros. Nesses moinhos, o colono prepara e processa a remessa para o mercado dos seus produtos em maior quantidade e por preço mais barato do que o poderia fazer na colônia. Daí resulta que aumenta a sua produção de antigas culturas indígenas de subsistência, e introduz plantas euro-



Fig 11 — Estágio da rotação de terras melhorada, entre Blumenau e Brusque em Santa Catarina. No primeiro plano um engenho de cana e moinho de farinha, na propriedade de um colono italiano. 26-V-947

péias como produtos comerciais. Além do porco, passa a criar também algum gado. E' esta a razão por que denominei êste tipo de agricultura, de sistema de rotação de terras "melhorada".



Fig 12 — À esquerda, na encosta, capoeira com 2 anos; no centro, terreno em que já foi ceifado o trigo e, à direita, roça de milho. A oeste da colônia italiana de Caxias no Rio Grande do Sul. 27-11-948

Das culturas estrangeiras, o trigo<sup>4</sup> e o centeio são cultivados no inverno, ao passo que a batata inglesa dá tanto no verão, como no inverno. O arroz de terra enxuta é estritamente uma cultura de verão. O cultivo destas plantações adicionais quer dizer campos maiores e mais trabalho para o colono e sua família. Por isso, êle substitui o trabalho humano pelo trabalho "animal", e aplica o arado e a grade, puxado por cavalos, para lavar a sua terra, se ela não fôr muito íngreme. Mas o uso do arado não quer dizer que o colono,



Fig 13 — Arando o terreno de capoeira de dois anos de idade em Irati (Paraná) Colono polonês

(Foto Nilo Bernardes 20-V-948)

neste estágio, aplique também estêrco aos campos lavrados. Ao contrário, no terreno arado, êle usa o mesmo sistema primitivo de rotação de terras que nas encostas íngremes, onde, por motivos técnicos, só pode empregar a enxada e a cavadeira.

Foi esta uma das maiores lições que aprendi no Brasil. Baseados nas idéias de EDUARD HAHN, os geógrafos e sociólogos presumem que o arado não tenha lugar na rotina das atividades que constituem o sistema de rotação de terras, combinado com o uso do fogo para fazer a devastação. O uso do arado é associado imediatamente à aplicação de estrume e à rotação de culturas. Fica-se assim, com uma idéia inteiramente falsa, dos sistemas agrícolas da América tropical e de suas instituições sociais e econômicas. Em muitos lugares do sul do Brasil, podem-se ver campos arados alternando com capoeiras. A capoeira é a melhor prova da rotação de terras.

<sup>4</sup> Ignora-se geralmente que quase todo o trigo do Brasil é cultivado segundo o sistema de rotação de terras !

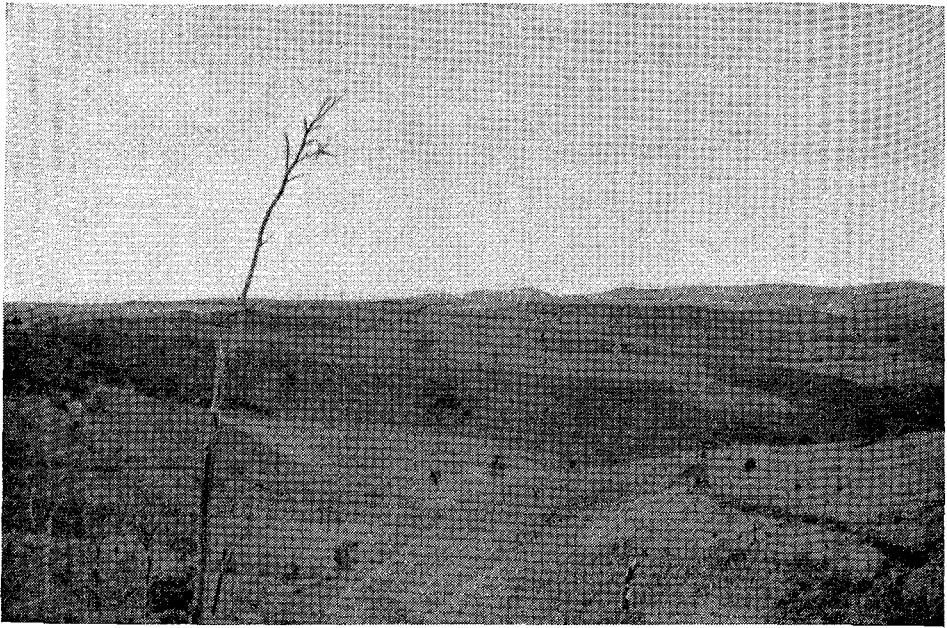


Fig. 14 — Rotação de terras melhorada com emprego do arado, no segundo planalto do Paraná Colônia alemã Gonçalves Júnior. Região de cultura da batata inglesa. A terra está sendo explorada há cerca de 40 anos. 19-IV-948

O colono europeu, no segundo estágio de desenvolvimento agrícola, não poderia colocar estêrco nos seus campos mesmo que quisesse, pela simples razão de que não tem gado suficiente para produzir esturme em quantidade utilizável. E' verdade que, em comparação com os colonos no primeiro estágio, especialmente os colonos alemães criam uma poucas cabeças de gado que lhe fornecem leite e manteiga, e que são alimentadas em pastos cuidadosamente plantados e cultivados, em volta da casa do colono. Mas esta espécie de criação de gado é absolutamente independente da agricultura. As duas formas principais de uso da terra ainda continuam separadas e os solos se esgotam depressa.

A produção agrícola aumentada e a criação de gado, elevam, consideravelmente, o padrão econômico e cultura do colono. Isto é claramente expresso pelos tipos melhorados de casas que, em contraste com o tipo uniforme de casa dos pioneiros, têm decididamente um caráter nacional e étnico. E' verdade que, nas áreas coloniais mais novas dos planaltos ricos em araucárias o tipo *standard* de casa, construída de tábuas, prevalece por tôda parte. Nas zonas de povoamento antigo de Santa Catarina, e do Rio Grande do Sul, entretanto, pode-se reconhecer perfeitamente a origem étnica do colono, pelo estilo da casa em que mora. Nas áreas ocupadas pelos alemães, temos a *mitteldeutsche Fachwerkhaus* ou casa de enxamel, constituída por uma estrutura e esquadrias de madeira visível, cujo intervalo é preenchido por tijolos vermelhos. Alguns italianos moram em casas de

dois andares construídas de pedra, e quase sempre têm um parreiral perto.

A situação econômica melhorada permite ao colono mandar seus filhos à escola durante quatro ou cinco anos, em vez de somente um ou dois anos, conforme faz o pioneiro, e, de vez em quando, um livro ou jornal chega-lhe em casa. A mobília ainda é feita em casa, mas esta já tem quartos e não lhe falta um certo conforto. Segundo FRITZ e PLUGGE, o nível de vida da família atinge o seu máximo quando os filhos estão crescidos, mas ainda não casados. O casamento dos filhos priva o colono de sua principal fonte de mão de obra, e a sua própria morte acarreta muitas vezes a divisão da terra em alguns lotes menores. Isto, na maioria dos casos, origina estagnação, quando não deterioração da terra bem como dos seus ocupantes.

Dos três estágios de desenvolvimento agrícola, o da rotação de terras melhorada é o mais difundido. Encontramo-lo especialmente nos planaltos, ao longo das estradas de ferro e de rodagem. Nas áreas que estão sob cultivo durante 15, 25 ou mesmo 30 anos, tudo vai bem as colheitas são grandes, os colonos são prósperos, e há grande excedente de produção para o mercado. Entretanto, a maioria das

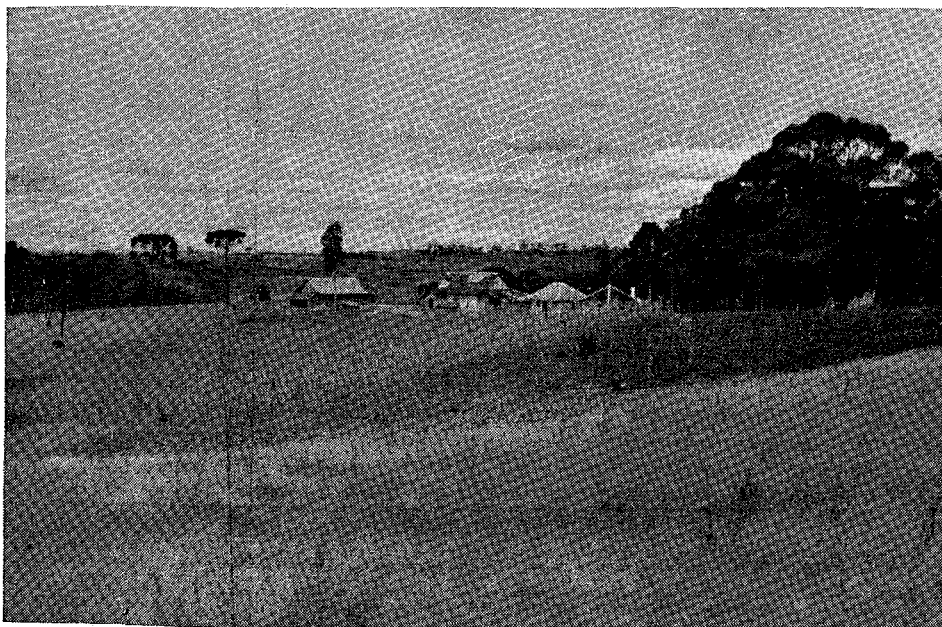


Fig 15 — Propriedade de um colono polonês em boa situação econômica em Contendas, entre Araucária e Lapa, no Paraná. Culturas de milho, batata e repólho em terras aradas 13-V-948

áreas em cultivo durante 30 a 50 anos mostram claros sinais de estagnação e mesmo de decadência. As safras correspondem somente a 1/3 ou 1/2 do que tinham sido há uma ou duas gerações passadas. A fim de compensar a queda de produção, os colonos passam a cultivar áreas maiores.